

O TURISTA ESCRITOR E SUA CANÇÃO DO EXÍLIO EM *ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ*

Maria Aparecida Oliveira de Carvalho
Doutora em Literatura Comparada; Professora do Mestrado em Letras/UNINCOR

Luiz Ruffato nasceu em Cataguases, em 1961. Já foi pipoqueiro, caixeiro de botequim, balconista de armarinho, operário têxtil, torneiro mecânico, jornalista, sócio de assessoria de imprensa, gerente de lanchonete, vendedor de livros autônomo e novamente jornalista. Formado em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, publicou vários livros, entre os quais a série *Inferno Provisório* e o aclamado *Eles eram muitos cavalos*. O autor já é publicado na Argentina, México, França, Itália e Portugal. Será publicado na Alemanha, com o livro “Eles eram muitos cavalos”, que sai em 2012 e um segundo título para 2013. Este livro sair também na Croácia, em 2012.

Seu romance *Estive em Lisboa e Lembrei de Você* retrata as esperanças frustradas de brasileiros que migram com o sonho de refazer a vida em um país menos desigual. O romance é o resultado da visita de um mês que Ruffato fez a Lisboa como parte do projeto “Amores Expressos”, no qual 17 autores passaram 30 dias em cidades espalhadas ao redor do mundo com o compromisso de, na volta, escrever uma história de amor ambientada no local.

O livro de Ruffato transforma o amor que estava na origem da proposta em um elemento lateral em um panorama conciso das agruras enfrentadas pelos imigrantes nacionais: pobreza, depressão, preconceito, exploração e uma possibilidade cada vez mais remota de voltar à terra natal. Seu personagem central, Sérgio Sampaio, até encontra amor físico, mas o que está no foco da narrativa é a luta diária pela sobrevivência e como essa peleja um tanto desigual esmigalha minuciosamente as ilusões deslumbradas que ele, em sua aventura de imigrante, forjara ao tentar a sorte em Portugal: ele consegue um emprego, em uma **tasca** (uma das características gráficas do livro é destacar em negrito as palavras peculiares de uso cotidiano em Portugal para designar coisas que nomeamos com outro termo aqui no Brasil. Tasca é uma taberna).

Breve e conciso, a história de *Estive em Lisboa e Lembrei de Você* começa na cidade natal de Ruffato, Cataguases, também um dos cenários dos romances de *Inferno Provisório*. Neste livro, contudo, leva-se um pouco mais longe (literalmente) a análise da figura do imigrante que deixa sua terra em busca de melhores condições materiais. Se nos anteriores os personagens iam se dispersando pelo Brasil em direção a São Paulo e Rio de Janeiro, aqui o protagonista Serginho decide viajar a Lisboa tentado pelas descrições entusiasmadas do português Oliveira, dono do bar local, desenhando Portugal como uma terra de oportunidades. É Ruffato tratando com ironia melancólica brasileiros buscando uma vida melhor na Europa de onde tantos partiram com o mesmo objetivo um século antes em direção ao Brasil.

Estive em Lisboa e lembrei de você se inicia sob a recomendação da poesia. Há algo de “designer de linguagem” em sua escritura, no arrevesado da fala pedestre, que recondiciona a língua do subúrbio, em uma perspectiva mais tensa. O livro se abre com um poema de Miguel Torga (1907-1995), Brasil, que começa com a seguinte estrofe: *Brasil onde vivi, Brasil onde penei,/ Brasil dos meus assombros de menino:/ Há quanto tempo já que te deixei,/ Cais do lado de lá do meu destino!* É esse o mote e insumo alusivo às intenções da narrativa. O sucinto volume do autor mineiro, por outro lado, se deixa ler como uma rapsódia

a respeito do *voumemborismo* que o capital volátil das últimas décadas insufla no sonho de “mudar de vida” (para melhor) do sujeito comum. Paráfrase dilatada de uma outra *Canção do exílio*, cujo sentimento de trânsito ou de deriva, marcado pela ambiguidade contemporânea, só admite por enquanto um conflituoso processo multicultural, mantendo distante o ecumenismo e irmanização esperados pela propalada mundialização. Os olhares se cruzam nesse céu de Lisboa, ambos enviesados, o olhar do português que sonhou em fazer a vida no Brasil e o do brasileiro que tem o mesmo sonho em terras portuguesas. O mineiro decide mudar de vida e usa o dinheiro que tem para viajar ao exterior, conseguir mais dinheiro e voltar ao Brasil como um magnata, comprando casas para viver de aluguel, almejando apagar todos os erros que deixou em sua pátria-mãe.

De certa forma, cada livro tem uma única maneira de ser escrito. O grande desafio, para o escritor, é conseguir compreender a forma correta para dar vida à sua história. No caso de *Estive em Lisboa e lembrei de você* a conduta adequada foi a de escrever a história como se fosse um depoimento pessoal, respeitando, na medida do possível, a oralidade do depoente e protagonista Serginho. Tem-se uma cumplicidade entre autor e personagem, manifestada por Ruffato quando diz, em linhas gerais, que entende o Serginho porque também é imigrante, ou seja, também foi um sujeito pobre, que veio para a cidade grande, no seu caso, São Paulo, tentar melhorar de vida, passando por dificuldades as mais diversas, desde aquelas de caráter objetivo, como não ter onde morar ou não saber se terá dinheiro para almoçar no dia seguinte, até aquelas de caráter mais subjetivo, como passar por humilhações por não deter determinados códigos sociais, que vão desde o sotaque se carrega até a falta de malícia. E isso causa solidão, melancolia, torna as pessoas, ao longo dos tempos, mais duras no trato, mais desencantadas, mais desiludidas.

Outro aspecto marcante da obra é sua cadência, que induz a leitura de um único fôlego, sem pausas e de maneira fugaz. A prosa explorada por Ruffato neste livro de 88 páginas deixa a sensação de que ouvimos o próprio Sérgio falar com seu típico sotaque carregado de expressões mineiras misturadas com o estrangeirismo que adquiriu nos anos em Portugal. A história contada exalta detalhes em flashbacks, pensamentos e fluxos prosaicos de palavra falada sem precisar se aprofundar e criar subtextos. Vejamos uma cena que se passa em Portugal:

Desacorçoado, gastei outros dois dias trancado no quarto, sem ânimo nem pra comer, o sol numa preguiça danada pra esquentar, tomar banho, de jeito maneira, os beiços rachados, o nariz estilando, as mãos e os pés doendo de gelados, rondava de um lado pro outro arqueado, como se carregasse um saco de sessenta quilos na cacunda, e fustigava, besta!, quem mandou seguir a cabeça dos outros!, bem que minha santa mãe, que Deus a tenha!, me dizia, se conselho fosse bom, ninguém dava, vendia, me martirizava por causa daquela bobajada, e agora, fazer o quê?, confesso que pensei até em arrumar as coisas e regressar, admitir que aquele empreendimento não era pra minha estatura não, que importava se rissem do meu fracasso?, não havia sido assim até o momento?, se quisesse fechar a conta, calcular o deve e o haver da minha existência, o saldo ia ser negativo, não tem como despistar a verdade, depois de uma fase, motivo de chacota da cidade inteira, talvez mesmo da região, outras estupidezes mais curiosas iam aparecer, as pessoas esqueciam, o que sustenta a piada é a novidade, um ano e ninguém mais ia recordar a minha desastrada viagem, mas aí boiavam os compromissos assumidos com o povo, as lembrancinhas pra um e outro, a palavra

empenhada com o Ivan Cachorro Doido de humilhar aquele corretor metido a sabichão, a promessa de ajudar a pagar a faculdade do Léo, meu sobrinho (se ele por acaso quisesse manter estudando), e principalmente o desejo de cevar uma poupança pro Pierre, quando perguntassem, "E seu pai, Pierre?", ele podia responder, peito estufado de orgulho, "Em Portugal, cuidando do meu futuro!", ah, isso sim me empurrava pra frente, e então, refeito, descí, recostei numa das duas poltronas da recepção, bem encolhido pra dona Palmira, se aparecesse, nem me notar, e buscando tomar pé da situação, distraía a cabeça olhando o tapete no assoalho, o quadro com uma moça vestida à antiga pastoreando ovelhas, a parede descascada, o vaso de flor pisando macio a toalhinha-de-renda na mesa-de-centro, e um recipiente, perto da porta, que, descobri, serve pra botar guarda-chuva (cheguei da rua debaixo de um aguaceiro, fechei o guarda-chuva e, pensando em expor ele no quatro para secar, subi a escada ligeiro, deixando pra trás um rastro molhado, quando a dona Palmira, feita caninana, num bote me acercou, braços em cruz, sibilando, impedindo a passagem, gritando coisas que eu não entendia direito, um escarcéu, até surgir o seu Seabra berrando pra mulher calar, pegou o guarda-chuva, enterrou no recipiente, que nem uma colher na gelatina, e, bravo, agitado, xingando, falou pra, vindo da rua, deixasse o **chapéu-de-chuva** ali, sempre, porque se não a diaba perdia a cabeça, instalava a arruaça, "Ela é louca, senhor Sampaio, não vê?", e de repente um sujeito me cumprimentou simpático, levantei, "Você é brasileiro?", confirmou, e, satisfeito, eu disse, "Puxa vida, que bom encontrar alguém que fala a mesma língua da gente", apertamos as mãos... (RUFATTO, 2009, p. 46).

Com prosa fluente e dinâmica, Ruffato consegue imprimir, nas páginas do livro, uma crônica de dois povos: o de Cataguases – cidade onde nasceu – e o de Portugal. Seu foco está entre duas referências: deixar de fumar e voltar a fumar. Esses marcos conferem criatividade ao texto que se divide em duas partes, tal como um trecho da vida do personagem Serginho, demarcando precisamente os momentos em que ele deixa o cigarro e depois volta a fumar.

Ressalta-se também o uso magistral que ele faz da mineirice da fala do protagonista, cujos embates com o português lusitano extrapolam o âmbito linguístico, ou melhor: os aspectos linguísticos não passam de manifestação, de epifenômeno. A realidade subjacente é, justamente, o embate entre uma indefectível candura/cordura/cordialidade e o previsível mau humor, a incompreensível racionalidade e a inesperada vigarice. A inteligência e a sutileza com que Ruffato capta os caracteres da sua personagem causam admiração a cada linha, as especificidades do seu protagonista mineiro só poderiam aflorar plenamente em ambiente contrastante.

Além disso, o ritmo da narrativa não dá tempo à respiração. Os fatos se encadeiam com rapidez, ratificando ou retificando impressões, o tom é leve e bem-humorado, o que não nos permite largar o livro a cada virada de página.

Do outro lado, Ruffato retrata impressões sobre os portugueses, que resgatam alguns dos estereótipos desse povo, como no seguinte trecho:

...gente extravagante que parece uma noite deitou jovem e acordou, dia seguinte, idosa, cheia de macacoa, vista fraca, junta dolorida, dente molengo, perna inchada, e, assustados, passaram a desconfiar de tudo, sempre

enfezados, resmungando pra dentro, incompreensíveis, respondendo as perguntas com irritação (RUFFATO, 2009, p. 39).

Na primeira parte desse desinteressado “trabalho de edição”, Ruffato sinaliza com itálicos os idiomatismos da língua brasileira do arrabalde interiorano; na segunda, os lusitanismos e as palavras das ex-colônias africanas aparecem em negrito. A novela revela o seu escopo de caderneta de **turista-escritor**. Dentro dessa projeção, a operação ficcional de Ruffato poderia ser relacionada tanto ao posicionamento estético de Marcel Duchamp, no caso dos seus *ready-mades*, como também seria uma espécie de eco do processo de “pré-produção” das obras de Guimarães Rosa, que consistia em colecionar em blocos de anotações o jargão do vaqueiro e do jagunço para transmutá-lo em texto literário. Transação semelhante se pode testemunhar em *Estive em Lisboa e lembrei de você* – Ruffato captura a *prosa* do seu depoente e fala *através de* na probabilidade de (re)imaginá-la em pauta diversa. Outra cena em que o linguajar de Sérgio de Souza Sampaio se mostra em sua árdua inocência e ilusão:

Essa palestra me poliu tanto os brios que, enquanto aguardava o desconsolo do trato da herança, costumei a rodar a Taquara Preta, fim de tarde, vistoriando as placas Vende-se, na garupa o Ivan Cachorro Doido, camarada meu encostado por causa de que dava uns acessos feios, de estrebuchar no chão escumando pela boca, embora a malícia do povo denunciasse tramoia, “Doença dele é horror de pegar no pesado”, mas, devido aos seus desafazer, ninguém mais indicado pra ajudar a destrinchar as inconveniências das moradias, como estrutura (“Ó, pode ver, a laje descaí pro canto direito ali, ó”); vizinhança (“É procurar chifre-em-cabeça-de-cavalo, por que que você acha que os antigos proprietários mudaram?”); documentação (“Esses não têm nem registro da planta da prefeitura”); valia (“Quanto estão pedindo? Sai fora! Merece não”) (RUFFATO, 2009, p. 29).

O livro de Ruffato revela em seu procedimento de linguagem um caráter multifacetado, o autor mobiliza estilemas do *romance malandro*, que é prototípico nas *Memórias de um sargento de milícias* em função do seu “realismo antecipado”, vive sua adolescência e juventude nos romances cubistas de Oswald de Andrade e atinge a maioridade e depois a maturidade na ironia do Machado de Assis, numa grande versatilidade metalinguística. A linguagem-linhagem de clássicos como *Memórias sentimentais de João Miramar*, *Macunaíma*, *Grande sertão: veredas* também insuflam vida virulenta na escrita de Ruffato.

Referências bibliográficas:

RUFFATO, L. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

TORGA, M. *Brasil*. Apud RUFFATO, L. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.